

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IRIANA SCHEFFER SANTOS

**SISTEMA EM REDE DE INFORMAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA NOS
ESTABELECIMENTOS DE ENSINO ESTADUAL DO MUNICÍPIO DA LAPA -
PARANÁ**

CURITIBA

2011

IRIANA SCHEFFER SANTOS

**SISTEMA EM REDE DE INFORMAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA NOS
ESTABELECIMENTOS DE ENSINO ESTADUAL DO MUNICÍPIO DA LAPA -
PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação à Distância da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública.

Orientadora:

**CURITIBA
2011**

Dedico às pessoas que acreditam que possa haver um mundo melhor, livre dos horrores que as drogas e a violência causam. Que acreditam não ser este pensamento uma utopia, mas uma questão de moldar o caráter das novas gerações.

AGRADECIMENTOS

A DEUS.

“Grande foram às lutas, maiores as vitórias. Sempre estivestes comigo, muitas vezes pensei que este momento nunca chegaria. Queria recuar ou parar. No entanto Tu sempre estavas presente, fazendo da derrota uma vitória, da fraqueza uma força. Com a tua ajuda venci”.

A emoção é forte. Não cheguei ao fim, mas ao início de uma longa caminhada. Por isso digo:

Obrigado.

A FAMÍLIA.

A vocês que ouviram meus desabafos, que presenciaram meu silêncio, que fizeram parte do meu mundo, viram, sentiram, participaram, aconselharam. A vocês que sofreram pela própria incompreensão, insensibilidade, hoje peço desculpas e ofereço um sorriso, pois a validade de toda minha luta e realização se resume também em vocês.

Àqueles que buscaram ajudar a minha eterna gratidão. Fica a certeza de que tudo foi feito buscando o melhor e, minha única preocupação, foi a de fazer deste trabalho algo inesquecível.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 APRESENTAÇÃO/PROBLEMÁTICA	5
1.2 OBJETIVOS	6
1.2.1 Geral	6
1.3 JUSTIFICATIVA	6
2 REVISÃO TEÓRICO-EMPÍRICA	8
2.1 VIOLÊNCIA	8
2.2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR	12
2.3 FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DA VIOLÊNCIA	13
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	16
4 ORGANIZAÇÃO PÚBLICA: PATRULHA ESCOLAR COMUNITÁRIA	17
4.1 DESCRIÇÃO GERAL	17
4.2 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO-PROBLEMA	18
5 PROPOSTA	20
5.1 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA	20
5.2 PLANO DE IMPLANTAÇÃO.....	20
5.3 RECURSOS	21
5.4 RESULTADOS ESPERADOS	22
5.5 RISCOS OU PROBLEMAS ESPERADOS E MEDIDAS PREVENTIVO-CORRETIVAS	22
6 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO/PROBLEMÁTICA

Nas últimas duas décadas a sociedade tem se deparado com um dos maiores desafios da humanidade que é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais a violência assume um dos primeiros lugares. Não se pode deixar de encarar esse problema, visto que a violência tem se manifestado em todas as instâncias do tecido social.

Esta temática, cada vez mais, está associada a referências bem mais amplas, que inviabilizam qualquer abordagem que não envolva profundas transformações que estão ocorrendo na sociedade. A violência de um modo geral se apresenta sob várias formas e ocorre em vários e distintos locais, dentre elas a violência escolar, que nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade.

Na escola, o estudante se encontra submetido a regras, as quais, muitas vezes, não estão de acordo com suas crenças e valores sociais. Faz-se indispensável entender as prioridades, necessidades, acompanhamento do histórico escolar e os problemas a que supostamente são submetidos os alunos.

No entanto, esse problema da violência deixa de ser uma preocupação somente dos profissionais da Educação, abrangendo àqueles que trabalham na área da Saúde visto que grande parte desses conflitos envolve um consumo cada vez maior de substâncias ilícitas (drogas) que levam os estudantes a apresentarem problemas de autocontrole emocional, agressão física e verbal a outros alunos, professores e funcionários das instituições e, frequentemente, demonstram comportamento instável, com propensão em instigar a violência aos outros colegas, mas que, com tudo, ainda mantêm-se impunes, criando, por consequência, um ambiente hostil.

As agressões dentro e no entorno das escolas, as brigas dentro das instituições de ensino e após as aulas, apostas entre colegas; divulgações na mídia; o consumo cada vez maior de drogas são motivos que levam os estudantes a se

submeterem a exposições públicas, a certas humilhações, servindo de atrações para espetáculos de rua.

Com isso, aflora grande preocupação, não só para a área de Educação como para a de Saúde Pública na busca de possíveis soluções que possam contribuir para, senão erradicar a violência, minimizar tais conflitos no ambiente escolar.

Para tanto, questiona-se: Qual a magnitude do fenômeno da violência no Município da Lapa e que papel o Estabelecimento de Ensino desempenha diante desse problema?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Propor a implantação do Sistema em Rede de Informações sobre a violência nos Estabelecimentos de Ensino Estadual no Município da Lapa - Paraná.

1.3 JUSTIFICATIVA DO OBJETIVO

A problemática da violência nas escolas é uma questão que trata de fatos concretos e delicados, os quais exigem um amplo conhecimento e análise detalhada da situação, para assim possibilitar a elaboração de projetos visando ações imediatas, com o intuito de solucionar essa postura negativa adotada pelos estudantes no ambiente escolar.

Um dos objetivos da Instituição escolar é formar um indivíduo mais humano e histórico a partir de um conhecimento científico. Sendo assim, a discussão e a reflexão a respeito do tema, tem na ciência seu ponto de partida assim como sua finalização “[...] amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tornou-se tema de debate público e vem despertando o interesse de um número crescente de pesquisadores” (GASPARIM; LOPES, 2003, p. 295).

Entende-se que a violência nos Estabelecimentos de Ensino abre a possibilidade de reflexão sobre a Educação, qualidade de vida, segurança pública a que o cidadão tem direito. É nesse contexto que existe a real preocupação, pois a

coerção humana a que se encontram submetidos alunos, gestores, educadores e demais profissionais públicos, em alguns desses locais, a envolver, nos últimos tempos, todo o tipo de violência, passa a se constituir em um problema de envergadura social bastante significativo.

Sendo a escola um equipamento público disponível a todos abre possibilidades de recebimento da violência que é exterior a ela.

Conformem esclarecem Gasparim e Lopes (2003, p. 296) “é a chamada violência dura, que vem de fora para dentro, a escola recebe essa violência, portanto, tráfico e entrada de armas vem de fora, isso foge às possibilidades da escola resolver ou decidir”. No entender desses autores, tais fatores fazem com que a preocupação demande que os Municípios busquem envolver outros setores das políticas públicas para contribuírem com a redução da violência.

Assim, a finalidade deste Projeto Técnico é propor a implantação de um Sistema em Rede de Informações que contribuirá para que o Município possa estudar o problema e intervir de forma a melhorar o Ensino na cidade da Lapa.

2 REVISÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

2.1 VIOLÊNCIA

Violência é considerada um comportamento que atinge negativamente a integridade moral de um indivíduo e também da sociedade.

Esta palavra é originada na língua latina, descrita como “*violentia*”, significando violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo “*violare*”, compondo esta palavra, tem por significado a expressão “trotar com violência, profanar”.

De acordo com Ferreira (2001, p. 712), a palavra tem por definição:

Violência: Qualidade de violento, ato violento, ato de violentar. Violentar: Exercer violência sobre, estuprar, forçar, arrombar, desrespeitar, constranger-se, desrespeitar-se. Violento: Que age com ímpeto, impetuoso, agitado, tumultuoso, V. iracundo, intenso, veemente, em que se faz uso de força bruta, contrário ao direito, à justiça.

Violência distingue-se pela intensidade da ira, que não age de forma a induzir o outro e sim tendo conduta hostil, agressiva. E a força tem por significado mais próximo a “firmeza” de algo, ou uma postura firme, e é nisso que violência e força se diferenciam. Considerando os atos de crueldade praticados nas escolas como violência, pode-se dizer que seu aumento está se mostrando constante, principalmente no ambiente escolar com estrutura institucional esgarçada¹.

A agressividade sempre está relacionada com as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não-verbal. Portanto, alguém muito “bonzinho” pode ter fantasias altamente destrutivas, ou sua agressividade pode manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, isto é, pela ação verbal ou física sobre o mundo (BOCK, 2007). Para essa autora, a violência é o uso desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser: voluntário (intencional), racional (premeditado) e com consciência. Ou, involuntário, irracional (a violência destina-se a um objeto substituto, por exemplo, por ódio ao chefe, o indivíduo bate no filho) e inconsciente.

¹ Dividida, com vínculos rompidos. Sendo mais fácil dizer-se que sua estrutura encontra-se fragmentada (FERREIRA, 2001, p. 298).

A agressividade está na constituição da violência, mas não é o único fator que a explica. É necessário compreender como a organização social estimula e mantém diferentes modalidades de violência.

Pode-se dizer que a violência está entre aqueles problemas mais polêmicos que envolvem a sociedade, que ora se mostra em evidência na pauta do Jornal Nacional da Rede Globo e nos jornais de outras emissoras, os quais se destacam desde o ano de 2000, sendo a mídia uma das grandes responsáveis em focar reportagens que tratam da violência que nas escolas, mencionando campanhas e ações de busca de Soluções para esses problemas e, nos últimos tempos, a violência é uma das matérias mais divulgadas na televisão (GOMIDE; PINSKI, 2010).

A violência está presente também quando as condições de vida social são pouco propícias ao desenvolvimento e realização pessoal e levam o indivíduo a mecanismos de autodestruição, como o uso de drogas, o alcoolismo, o suicídio, entre outras formas de violência que estão diluídas no cotidiano. A violência no interior da família, na escola, no trabalho da polícia, nas ruas, em locais públicos e privados, enfim no dia-a-dia do ser humano, tornando tais fatos também da responsabilidade da área de Saúde Pública.

No interior da família, lugar mitificado em sua função de cuidado e proteção, existe muitas formas de violência além da física e sexual; ou seja, há o abandono, negligência, a violência psicológica, isso é, condições que comprometem o desenvolvimento saudável da criança e do jovem.

A primeira violência que se pode mencionar é a negação do ser ainda em desenvolvimento no útero materno que desde a concepção é dependente da mãe para a sua sobrevivência, nos cuidados e alimentação que esta deve ter consigo mesma para dar condições de sobrevivência física ao ser que está gerando (BOCK, 2007). Essa violência crescente no interior da família contra crianças e adolescentes é um dado que chama cada vez mais a atenção. É grande o número de crianças que sofrem maus tratos pelos pais, sendo espancadas e mesmo assassinadas. Esse fenômeno passa por todas as classes sociais, não estão limitadas apenas as camadas mais populares.

Para Bock (2007), dificilmente isso, em suas formas mais amenas, é entendido como violência, como se os pais tivessem por direito praticar maus tratos contra a criança.

Conforme especifica Tiba (1996, p. 152) a violência:

É uma semente colocada na criança pela própria família, que, encontrando terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade. Quando os pais deixam o filho fazer tudo o que deseja, sem impor-lhe regras, ele acredita que suas vontades são leis que todos devem acatar.

Em relação à violência que vem de casa, colocada no âmbito familiar, Di Santo (2003) menciona que uma educação dada em casa pelos pais à criança com base em atos de violência, a criança, no ambiente escolar, passa a reproduzir tais atos como forma de vencer seus objetivos, contrariedades e obstáculos, pois seu modo de ser acostumou-se com a violência.

Para Bock (2007), tempos atrás, a violência nas ruas era parte do cotidiano dos centros urbanos maiores, porém essa é uma regra que não mais se aplica, pois a violência está se demonstrando, com índices cada vez mais elevados, na maioria das cidades, inclusive em Municípios com número menor de população.

A rua, como espaço social do lúdico, do encontro, da convivência, tornou-se o espaço da insegurança, do medo, da violência pelo “malfeitor”, pela polícia e, mesmo, pelo cidadão comum. Veem-se seguidamente, publicados nas manchetes dos jornais, problemas de trânsito que terminam em agressões, a polícia que, num tiroteio, matou mais um; a trombadinha que roubou o tênis de outro menino. Começa-se a ter a cara do medo e pôr para fora a própria agressividade, de modo destrutivo, no intuito de se proteger (BOCK, 2007).

O uso de drogas deve ser entendido como um processo de autodestruição do indivíduo. A droga vem pra preencher um “vazio”, que, de outra forma, a realidade social não preenche (SCIVOLETT, 2008).

A droga deve ser entendida no seu amplo aspecto, desde aquelas socialmente permitidas, como o tabaco e o álcool, até aquelas não permitidas, como a maconha, a heroína, a cocaína e, mesmo, os psicofármacos. Todas elas podem criar um processo de dependência física e psíquica, de acordo com a intensidade e frequência do uso, a constituição biológica do organismo, a constituição psíquica, as condições sociais de uso (o incentivo e a valorização pelo grupo, por exemplo) e as próprias características químicas da droga (SCIVOLETT, 2008). Conforme afirma esse autor, em seus estudos acerca do tratamento psiquiátrico de adolescentes usuários de drogas e do papel da família neste tratamento, “o núcleo familiar

geralmente está assustado e desorientado quanto à abordagem do problema, pois não consegue entender como o filho passou a usar drogas” (SCIVOLETT, 2008, p. 72). Nery Filho e Torres (2009, p. 29) completam dizendo “[...] além de sentimentos de angústia, desespero e impotência nos familiares, busca-se um culpado para o que, em geral, passa a ser um drama familiar, aí é um passo para culparem-se as amizades da escola”.

Inicialmente, Nery Filho e Torres (2009) mencionam ser importante distinguir três aspectos ou conceitos ligados a esta questão: transgressão, infração e delinquência.

- Sobre a transgressão: “em todos os grupos existem normas e regras que regulam a relação das pessoas em seu interior e, conseqüentemente, todas as pessoas, alguma vez transgrediram essas normas”. Existe uma consequência para o transgressor: ser advertido, ser exposto a uma comunicação mais intensa do grupo, no sentido de reconhecer a importância da norma, ou, mesmo sendo expulso do grupo por ter transgredido uma norma muito importante (NERY FILHO; TORRES, 2009, p. 54).
- Sobre a infração, “o infrator é aquele que cometeu um ato – a infração – e será punido por isso, isto é, terá uma pena também prevista em lei aplicada pelo juiz ou seu representante” (NERY FILHO; TORRES, 2009, p. 54).
- Sobre a delinquência, é uma identidade atribuída e internalizada pelo indivíduo a partir da prática de um ou vários delitos (crimes).

A violência e toda agressividade dos alunos se manifesta dentro da escola nas mais variadas formas. O ponto mais crucial deste problema está no fato de que a escola não se encontra preparada para lidar com o problema da violência em nenhum sentido.

Neste sentido, Scivolett (2008) menciona que, em primeiro lugar, na maioria das escolas não há uma vigilância ou um controle sobre o porte de armas e, assim o aluno entra e sai da escola armado quando bem quer; por outro lado, os professores não têm preparo suficiente para lidar com a questão de agressividade e em se tratando de escola pública, não há pessoas especializadas para lidar com o assunto, em virtude da inexistência de psicólogos ou orientadores educacionais destinados a este fim. Essa agressividade leva os jovens a acreditarem que podem tudo, e, com isso, não respeitam os colegas, nem professores. Falam o que pensam agredindo os outros, não toleram ser corrigidos e maltratam os professores.

Enfim, a educação que os filhos trazem de casa é o reflexo daquilo que eles mostram na escola; mas, ainda é preciso levar em consideração o fato de que muitos jovens são violentos na escola porque convivem com a violência em casa, porque são violentados também (SCIVOLETT, 2008).

Desta forma, é possível dizer que o meio social e o tipo de formação que cada um recebe são, em linhas gerais, os principais fatores motivadores da violência.

Entende-se que a função do professor não é apenas a de lidar com a violência dentro da escola, gerada a partir de conflitos que ocorrem na convivência diária, também deverá atuar no sentido de evitar que os alunos sejam vítimas de violência fora da escola, daquela que muitas vezes acontece no ambiente familiar, pois, ao menor indício seu de que o aluno esteja sendo maltratado pelos familiares não pode se omitir.

Para tanto, os profissionais da educação deveriam ser profundos conhecedores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para saber que procedimentos tomar em caso de violação ao direito dos menores e cobrança dos deveres. Tornando-se importante destacar que o combate à violência na escola é um problema de toda sociedade que deve lutar para que a escola seja um ambiente de instrução, de sabedoria e de desenvolvimento e não palco para atitudes primitivas e instintivas (SCIVOLETT, 2008).

2.2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Na visão de Reis (2003) vive-se diariamente mergulhado num mundo onde a violência é assunto predominante, é a personagem principal de um conjunto de incidentes que constituem a estrutura de uma obra simulada, envolvendo abrangentemente de forma a parecer única, como se não tivesse outras informações importantes a serem divulgadas à sociedade.

Em um momento a sociedade se sente participativa, em outros, impotente diante de tantas informações dissimuladas. Ora a pessoa pode se sentir segura, numa sociedade que conhece e contempla seus direitos como cidadã crítica participativa, ora, se sente vulnerável, rodeada e dependente de medidas de segurança, vivendo num mundo tecnológico, virtual. Praticidade que se torna necessária, indispensável e mais segura.

O autor também coloca que nenhuma conceituação define, nem abrange totalmente a violência, que ela é um fato precipitado, muito complicado de se analisar e entender em se tratando das múltiplas dimensões de suas expressões. O que se pode fazer é uma relação estimativa às concepções sociais, culturais e de essência compassiva.

As instituições encarregadas de manter a ordem pública, instrumentos de ataque e defesa, os veículos de comunicação e violência escolar são partes de um mesmo princípio elementar que se misturam e que manifestam a violência como acontecimento muito estudado, porém com diferentes dimensões.

2.3 FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Tigre (2009) cita que as principais formas de manifestação de violência na escola, recorrentemente nominadas pelos envolvidos na questão são: brigas e agressões verbais e físicas, ocorridas entre alunos e professores, brigas e agressões entre alunos, bullying, depredação escolar, interferência de grupos externos (gangues).

A argumentação dada por Debarbieux (2000) a respeito da violência demonstra ser este problema associado ao fator da não existência de civilidade, o qual destaca como 'incivilidade', confirmando ser esta o resultado da falta de ordem, iniciando-se ao caos, bem como a perda de sentido, conseqüentemente de compreensão. Comenta-o que:

A desorganização do mundo da escola, ou seja, a crise de sentidos pela qual passa essa instituição, ao fracasso em cumprir as promessas de integração social, uma vez que a inserção dos jovens no mercado de trabalho é problemática: Incivilização poderia não ser a única forma básica dos relatórios de classe que exprimem um amor desiludido para uma escola que não pode ter as promessas igualitárias de inserção (DEBARBIEUX, 2000, p. 44).

No entanto, para compreender-se a violência no âmbito da escola é imprescindível que se formule sua conceituação. Conceito esse que Almeida (2008, p. 25) busca em Santos (2003) a confirmação de que "na escola pode-se abordá-la em três dimensões, que são: a violência em torno da escola, a violência dentro da escola e a violência da escola".

Acompanhando a argumentação de Santos (2003), no trato da violência escolar, mencionado por Mariano *et al* (2010, p. 86) classifica a violência escolar em três níveis:

- Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo.

Para tanto a autora disponibiliza que a violência quando chega ao extremo da manifestação emite um sinal de alerta para com o sistema que obriga esses jovens a permanecer por períodos prolongados na escola, insistindo diante da falta de interesse já instaurada pelos conteúdos que em nada chamam a atenção. Portanto, esse agravo aumenta em consequência das dificuldades impostas pela sociedade que limita com obstáculos quando o indivíduo busca o mercado de trabalho.

- Incivilidade: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito.

Diante de tal afirmação pode-se entender como causa de geração da violência, visto que a incivilidade quando processada nas relações de poder entre professores e alunos, como forma de dominação, conduz a situações de ofensas, menosprezo, indiferença.

- Violência Simbólica Institucional.

Esse tipo de violência se caracteriza pela maneira implícita com a qual é exposta, pois, geralmente vem submetida de atos que a primeira vista se revelam como simples ações que podem ser justificadas como inofensivas, porém geradoras de confrontos tidos como agressivos. O exemplo disso, Debarbieux (2000) menciona ser comum o professor tratar o aluno de forma inadequada mediante a insatisfação gerada por sua profissão, ou mesmo por sentir-se na obrigação de suportar ora ausência do aluno ora a sua indiferença em relação à escola.

Em relação aos fatores externos, na sociedade em que se vive atualmente, os adolescentes convivem com a mais variada gama de estilos sociais, tanto positivos como negativos. Tais comportamentos adotam uma identidade muito forte, fazendo com que se espelhem nessas atitudes.

As gangues de ruas com seu modo de vestir, falar, comportar-se agressivamente é um dos mais fortes modelos seguidos fielmente pelos jovens, os quais adotam essas atitudes tanto na família como na escola, gerando desta forma, a violência escolar.

A sociedade de hoje enfrenta grandes problemas, estes geradores de desigualdades sociais de maneira a propiciar atitudes delinquentes e antissociais nas crianças e nos adolescentes. Estes fatores externos tem grande influência no

desenvolvimento da personalidade do adolescente, visto ser o contexto social o meio que mais influencia nas suas mudanças de atitudes.

Segundo Fante (2005), para alguns pesquisadores, a causa da violência decorre do desemprego, que causa a exclusão do ser humano em todos os níveis sociais, fazendo com que prolifere a violência, pois uma vez excluídos do convívio social, os jovens não encontram alternativa senão a da violência - uma forma de mostrar que existem e que também fazem parte do mesmo contexto social.

Também a crise de valores, sobretudo os morais e éticos que está se atravessando, juntamente com o aumento da violência, levam à banalização da vida, ao aumento de respostas violentas frente a situações de humilhação vividas cotidianamente; ao desconhecimento ou à desvalorização dos valores éticos públicos e, em seu lugar, à apreciação dos valores privados e dos que significam alguma forma de glória.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O Projeto Técnico está fundamentado, inicialmente, em pesquisa bibliográfica, utilizando-se de diferentes autores, procurando investigar o máximo sobre o assunto em questão, buscando sustentação aos procedimentos para a implantação da Proposta da Rede de Informações sobre a violência nos estabelecimentos de Ensino. De acordo com Heerdt comentado por Cervo & Bervian (2003, p. 42):

A pesquisa bibliográfica é aquela que analisa, observa, registra e correlacionam os aspectos que envolvem fatos, sem manipulá-los. Os fenômenos humanos ou naturais são investigados sem a interferência do pesquisador que apenas procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

Assim, a abordagem metodológica norteadora do presente trabalho tem como base a implantação de uma rede de informações, via Internet, conectando os Estabelecimentos de Ensino Estadual do Município da Lapa com a Patrulha Escolar Comunitária, logo, cada um deles terá como registrar todas as ocorrências de violências acontecidas no seu ambiente escolar.

Esses dados registrados servirão como suporte para desenvolver as ações da Patrulha Escolar Comunitária a fim de orientar os profissionais dos Estabelecimentos de Ensino quanto às medidas necessárias diante das situações de conflito.

Portanto, na proposta inclui-se indicação da infraestrutura básica que facilite o funcionamento desta Rede de Informações. Assim, nesta proposta, esse Sistema de Rede de Informações terá por funções:

1. Demonstrar os dados que contribuirão para o mapeamento e monitoramento de condutas ou atos de violência acontecidos nos Estabelecimentos de Ensino ambiente a envolver alunos, professores, equipe pedagógica e demais funcionários, pela Patrulha Escolar Comunitária;
2. Identificar os Estabelecimentos com maiores problemas de violência;
3. Intensificar ações sociais e públicas nessas escolas identificadas;
4. Definir a adoção de providências cabíveis, visando à redução da sensação de impunidade: elaboração de Manual de Procedimentos e o de Conduta Escolar.

4 ORGANIZAÇÃO PÚBLICA: PATRULHA ESCOLAR COMUNITÁRIA

4.1 DESCRIÇÃO GERAL

A Patrulha Escolar Comunitária sob o comando do Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), o qual se representa como uma Organização Policial Militar (OPM) da Polícia Militar do Paraná (PMPR), sendo este especializado na aplicação do policiamento comunitário na Rede de Estabelecimentos de Ensino para todo o Estado do Paraná (PARANÁ, 2011).

Esse policiamento escolar foi criado no ano de 1994 e, já naquela época denominava-se Patrulha Escolar, contudo, de início se compunha essencialmente por policiais femininas.

Com o passar do tempo tal serviço foi ampliado, constituindo-se em uma especialidade de policiamento. Inseriu-se no conceito de polícia comunitária, o qual em parceria entre a Polícia Militar e a Secretaria Estadual de Educação, vem atuando com palestras educativas e assessoramento na segurança das escolas.

Em 2007, o policiamento escolar de todo o Estado foi reunido sob um comando único e passou a denominar-se Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária² constituído por quatro Companhias:

- 1ª Companhia do BPEC - Curitiba: atende a Curitiba, 16 municípios da Região Metropolitana, entre eles a Lapa e outros 48 do interior do Estado. Nessa Região Metropolitana, são 178 as escolas que integram o projeto (PARANÁ, 2011). A coordenação da Patrulha Escolar Comunitária se reúne com a Direção da escola, professores e pais de alunos.
- 2ª Companhia do BPEC - Foz do Iguaçu;
- 3ª Companhia do BPEC - Maringá;
- 4ª Companhia do BPEC - Londrina.

Atualmente, em 2011, o BPEC desenvolve as atividades do Programa Patrulha Escolar Comunitária em noventa municípios do Estado, alcançando aproximadamente 1.299 estabelecimentos de ensino estaduais³ (PARANÁ, 2011).

² Lei nº 15.745, de 20 de dezembro de 2007.

³ Página oficial da PMPR, 22 de março de 2011.

4.2 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO-PROBLEMA

Na atualidade, a preocupação com a violência no meio escolar tem levado um grande número de autores a investigar sobre esta questão, no Brasil e no mundo, buscando, desde a encontrar uma definição que possa de fato explicar tal fenômeno, as possíveis punições, as soluções que possam controlar esses conflitos.

Para Peralva (1997) e Debarbieux (2002), a sucessão crônica de situações de conflitos pode vir a resultar em efeitos maiores de violência.

A violência, tanto para quem a comete quanto para quem é submetido a ela, é, no mais das vezes, uma questão de violência repetida, às vezes tênue e dificilmente perceptível, mas que, quando acumulada, pode levar a graves danos e a traumas profundos nas vítimas, e um sentimento de impunidade no perpetrador (embora devamos ter sempre em mente que certos perpetradores costumam serem as próprias vítimas). Violência tem também efeitos sociais danosos: o baixíssimo nível de auto-estima das vítimas costuma ser acompanhada de uma introversão que anula qualquer possibilidade de ação conjunta, qualquer maneira coletiva de lidar com as incivildades (DEBARBIEUX, 2002, p. 82/3).

Essa colocação do autor indica que os conflitos, no interior dos Estabelecimentos de Ensino, iniciam-se por agressões verbais, ameaças, humilhações, zombarias, desequilíbrio emocional por meio de ações planejada e estrategicamente executada, e, em certas situações se desencadeiam para agressões físicas que possam resultar também em morte. Tais atos tratam-se da negação de direitos, de um ataque à cidadania.

Conforme esclarece, esses atos aumentam a possibilidade de “pensar-se, portanto, que a violência no meio escolar revela uma redução da eficácia socializadora da escola” (DEBARBIEUX, 2002, p. 83).

Intensifica-se, nos Estabelecimentos de Ensino, no estado do Paraná, nos últimos tempos, a dificuldade de organização e transmissão de normas e valores, quando comparados com antigamente, os quais eram aceitos de modo incontestável pela sociedade, indicando a urgência de outros setores das políticas públicas se unirem com a área educacional para a busca de solução.

Essa dificuldade vem se acentuando também no Município da Lapa, indicando a importância de ações que possam contribuir para um controle eficiente das normas que estimulem a prática da boa convivência no ambiente escolar. Entretanto, a necessidade de reconhecimento e valorização do trabalho

educativo e preventivo que pode ser desenvolvido nos Estabelecimentos de Ensino, ou seja, a possibilidade de que se construam novos modelos de convivência, com uma educação voltada em valores, com novos sentidos, sem dúvida, exige que setores como segurança pública, Saúde, entre outros, estejam engajados a uma visão crítica de mudança, para a qual, devam contribuir de forma prática.

Assim, compreende-se que esse Sistema de Rede de Informações funcionaria para esta organização como amparo para unir-se com os demais setores e, em conjunto disseminar ações preventivas, sócio-educativas e regeneradoras em prol da dissolução da violência escolar no Município da Lapa.

5 PROPOSTA

5.1 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

A proposta consiste na montagem de uma Rede de Informações sobre as ações transgressoras que existem no ambiente escolar. O mapeamento procederá via internet, utilizando de sistema eletrônico de registro de ocorrências escolares.

Procedimento semelhante a este foi desenvolvido em 2008, a partir da solicitação da Secretaria de Educação do DF, todavia, somente procedeu-se a um diagnóstico envolvendo a violência e convivência enfrentadas nas escolas do DF, abarcando as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio. Tal diagnóstico consistiu na identificação dos aspectos relacionados ao fenômeno e os obstáculos que deverão ser enfrentados (ABRAMOVAY, 2009).

A intenção da proposta, segundo coloca esta autora, “[...] foi mapear a realidade em questão, com intuito de reduzir as incertezas dos formuladores de programas, projetos e ações sobre o contexto a ser trabalhado, tornando possível a efetivação de uma política pública sobre Convivência Escolar” (ABRAMOVAY, 2009, p. 13).

Portanto, a proposta desenvolvida no Distrito Federal resultou em uma pesquisa diagnóstica da situação, diferente desde que se propõe, pois a intenção atual é envolver a Patrulha Escolar Comunitária, a qual, em conjunto com a área de Saúde Pública do Município, contribuirá com ações que possibilitem aos Estabelecimentos de ensino do Município intensificar procedimentos de prevenção da violência no ambiente educacional.

Esse sistema tem por utilidade a notificação por parte dos gestores dos Estabelecimentos de Ensino a Sede da Patrulha Escolar Comunitária, das ocorrências, envolvendo o público escolar, a escola e seu entorno.

5.2 PLANO DE IMPLANTAÇÃO

A primeira etapa para a implantação necessita dos serviços de um profissional para desenvolver um sistema eletrônico contendo a ficha cadastral de

cada Estabelecimento de Ensino participante, constando dados sobre o número de alunos atendidos, número de turmas, o perfil dessa clientela: socioeconômico, cultural. Descrevendo a comunidade (bairro) em que se está inserido, também os projetos que a escola desenvolve.

Em seguida constará de uma ficha para o registro de qualquer tipo de ocorrência, neste caso deverá ser mencionada tanto aquelas ocorrências leves, quanto, principalmente, as graves.

A montagem desse Sistema será na Sede da Patrulha Escolar Comunitária, dispondo de dois profissionais do quadro funcional da Sede da Patrulha Escolar para atuarem no assessoramento do programa: um desses profissionais será o encarregado do mapeamento e desenvolvimento das planilhas e gráficos, utilizando informações provenientes da rede escolar estadual, material este que possibilitará o direcionamento do trabalho da Patrulha Escolar Comunitária para que se possa melhor orientar esses Estabelecimentos de Ensino (gestores, professores), com relação à mediação dos problemas. Ao outro profissional cabe a função de assessoramento direto aos Estabelecimentos de Ensino, em orientar devidamente o cadastramento de cada um deles bem como os instruindo acerca do registro das ocorrências de conflito no ambiente escolar.

Assim, tal etapa deverá ser precedida de palestra de divulgação junto aos profissionais da Educação pelos assessores da Patrulha Escolar Comunitária com vistas a incentivar a participação desses profissionais de forma a tornar eficiente o funcionamento da Rede de Informações.

Esses profissionais repassam e orientam o restante da Patrulha Escolar quanto aos resultados e as formas de intervenção a serem feitas nessas instituições. Também buscarão parcerias com a área de Saúde para a emissão de palestras e outras ações preventivas com relação às drogas e a violência.

5.3 RECURSOS

Os recursos materiais necessários a viabilização desta proposta são os Estabelecimentos de Ensino estar aparelhados com acesso a Internet e disponibilização de equipamentos de informática e outras tecnologias (computadores, fax, data show).

Para a Patrulha Escolar Comunitária indica-se a instalação de um Programa de Software com Prontuário Eletrônico para a Rede de Escolas Estaduais – PEREE (contendo ficha cadastral e ficha de registro de ocorrências), possibilitando a junção de diferentes tipos de dados produzidos em vários formatos, em épocas diferentes, coletados por diferentes profissionais da equipe Escolar em distintos locais (estabelecimentos de Ensino). Tais dados possibilitam, nesse Programa, a construção de diferentes tipos de planilhas e gráficos para análise dos resultados.

De modo geral, o princípio básico de construção do PEREE baseia-se na integração de informação de diferentes Estabelecimentos de Ensino.

Assim, uma vez coletada a informação, ela é registrada em um determinado formato para fins de armazenamento e tal registro passa a ser fisicamente distribuído entre instituições de Ensino.

Portanto, os dados são disponibilizados para a Sede da Patrulha Escolar Comunitária e para as instituições participantes, os quais poderão utilizar-se dessas informações para o desenvolvimento de ações preventivas e curativas em relação à violência escolar. Em relação aos recursos humanos, a proposta requer participação dos profissionais das Instituições de Ensino e da Patrulha Escolar Comunitária.

5.4 RESULTADOS ESPERADOS

A possibilidade de um amplo mapeamento de registro dos conflitos que estão ocorrendo nos Estabelecimentos de Ensino Estaduais para a construção de ações, envolvendo parcerias com diferentes setores da Administração Pública, com vias a prevenção e controle da violência escolar.

5.5 RISCOS OU PROBLEMAS ESPERADOS E MEDIDAS PREVENTIVO-CORRETIVAS

As maiores dificuldades estão relacionadas a:

- a) enorme volume de dados para serem manipulados;
- b) infraestrutura de rede inadequada devido a equipamentos de comunicação digital desatualizados nesses Estabelecimentos de Ensino;

c) Pouca colaboração dos Estabelecimentos de Ensino, em sentido destes omitirem as ocorrências.

Assim, como medida preventiva pode ser solicitada parceria com a Secretaria de Educação para melhor aparelhagem das tecnologias desses Estabelecimentos de Ensino bem como ministrar palestras que envolvam ações motivacionais aos profissionais como incentivo ao repasse das informações das ocorrências. A Patrulha Escolar Comunitária pode contribuir com essas palestras, buscando demonstrar a esses profissionais da Educação a necessidade e a importância de que essas ações sejam efetivadas para que minimizem os riscos de maior volume de violência no ambiente escolar.

6 CONCLUSÃO

A implantação do Sistema de Rede de Informações sobre a violência nos Estabelecimentos de Ensino Estadual no Município da Lapa – Paraná, possibilitando o mapeamento dessas ocorrências de conflitos, à Sede da Patrulha Escolar Comunitária, para a construção de ações que forneçam medidas preventivas e curativas incide como o principal objetivo desse Projeto Técnico.

Entende-se que o conhecimento da realidade existente é essencial quando o intento é aprimorá-la. Nesse sentido, a procura por identificar o tipo das relações de conflitos no ambiente escolar é um passo fundamental para a parceria dos Estabelecimentos de Ensino com outros setores públicos, os quais podem indicar ações mais eficientes daquelas que as instituições educacionais vem executando, pois a visibilidade dos pontos a serem trabalhados e, que muitas vezes acabam passando despercebidos, tornam possíveis o estudo de medidas públicas mais diretas.

Essa Proposta voltada a um processo de participação com responsabilidades sociais, no resgate da segurança nas instituições, tende a proporcionar oportunidades dos Estabelecimentos de Ensino ser percebidos como espaço de aprendizagem e socialização, não mais como espaço gerador de violência. Assim, sua iniciativa de implantação é firmada em ações preventivas e não repressivas, levando em consideração alunos, professores e demais profissionais como sujeitos das políticas públicas em Educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos**: violência e convivência nas escolas. Brasília: SEEDF, 2009.
- ALMEIDA, J. L. F. de. (Coord.). **Enfrentamento à violência na escola**: cadernos temáticos, desafios educacionais contemporâneos. Curitiba: SEED/PR, 2008.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2003.
- DEBARBIEU, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas**: dez abordagens européias. Brasília: Unesco, 2002.
- DI SANTO, L. A. **Interações**: família – escola. São Paulo: Cortez, 2003.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FILHO, A. N.; TORRES, I. M. A. P. (Org.). **Drogas**: isso lhe interessa? Confira aqui. Salvador: CETAD/UFBA/CPTT/PMV, 2009.
- GASPARIN, J. L.; LOPES, C. S. **Violência e conflitos na escola**: desafios à prática docente. Maringá: UEM?PPG, 2003.
- GOMIDE, P. I. C.; PINSKY, I. A influência da mídia e o uso de drogas na adolescência. IN: PINSKY, Ilana e BESSA, Marco Antônio (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2010.
- MARIANO, A. L. S. *et al.* **Organização escolar e trabalho pedagógico**: livro 4. Ponta Grossa: UEPG?NUTEAD, 2010.
- PARANÁ. Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC). Disponível em: <<http://www.policiamilitar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=3>>. Acesso em: 21/09/2011.

PERALVA, A. **Escola e violência nas periferias urbanas**. Rio de Janeiro: IEC, 1997.

REIS, C. E. de. **Violência escolar: a perspectiva da Folha de S. Paulo**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.

SANTOS, W. G. dos. **Razões da Desordem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SCIVOLETTO, S. **Atitudes na adolescência: viver sem drogas**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TIBA, I. **Disciplina: limite na medida certa**. 1. ed. São Paulo: Gente, 1996.

TIGRE, M. das G. do E. S. **Violência na escola: reflexões e análise**. Ponta Grossa: UEPG, 2009.